

FÓRUM DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DO ESPÍRITO SANTO: EXPERIÊNCIA FORJADA NA FORMAÇÃO E NAS PRÁTICAS DE RESISTÊNCIA

**The Young People and Adults Education Forum from Espírito Santo: Experience
shaped in education and in the practices of resistance**

Andrea de Souza Batista

Mestre em Educação/Fórum EJA/ES/OBEDUC/UFES
deiafil@yahoo.com.br

Elizangela Ribeiro Fraga

Mestre em Educação/PMS/Fórum EJA/ES/CAPES/OBEDUC/UFES
elizangelafraga@gmail.com

Flavya Herzog Adamkosky Botti

Mestre em Educação/Fórum EJA/ES/OBEDUC/UFES
flavyaherzog@yahoo.com.br

Marcilene Fraga dos Santos

Especialista em Educação/PMS/Fórum EJA/ES/OBEDUC/UFES
marcifraga@gmail.com

RESUMO

Nos últimos anos, o Fórum de Educação de Jovens e Adultos, enquanto movimento social, vem se constituindo como um *locus* de debate, diálogo e acompanhamento das políticas de EJA em nível nacional, regional e estadual. Reconhecendo a importância desse espaço na proposição e definição de novos rumos para a EJA, nos propomos a narrar nossa experiência, forjada no processo formativo do Fórum de Educação de Jovens e Adultos do Espírito Santo e os seus desdobramentos, que tornaram possível a nossa ação mediada pela reflexão.

Palavras-chave: Fórum de EJA. Experiência. Resistência.

ABSTRACT

In recent years, the Young People and Adults Education Forum, as a social movement, has become a *locus* of debate, dialogue and monitoring of its policies at the national, regional and state level. Acknowledging the importance of this space for the proposition and definition of new directions for Young People and Adults Education, we present not only our experience, shaped in the formative process of the Young People and Adults Education Forum from Espírito Santo, but also the developments which allowed us to take actions mediated by reflection.

Keywords: Young People and Adults Education Forum. Experience. Resistance.

INTRODUÇÃO

A escrita deste artigo nos instiga a *escavar*, nos itinerários da nossa formação, os elementos que foram nos constituindo profissionais da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Na busca por esses elementos que se estabeleceram como marcos em nosso percurso formativo, está a nossa inserção no Fórum de Educação de Jovens e Adultos do Espírito Santo (FEJA/ES). O movimento que pretendemos fazer neste texto é o de *narrar* essa experiência formativa, dentro do FEJA/ES, explicitando a potencialidade que tem a inserção em um movimento social na formação inicial e continuada dos profissionais da educação.

Tomando a narrativa como uma ferramenta metodológica, buscamos significar o nosso percurso formativo a partir dos processos experienciados, para assim tecermos as nossas considerações por um viés que evidencia essa trajetória como um processo ontológico. Nele explicitamos o nosso itinerário de formação, compreendendo que, embora parcialmente, somos constituídos pelas histórias que contamos aos outros e a nós mesmos acerca das experiências pelas quais passamos. Na tessitura deste texto, mediado pelas nossas narrativas, buscamos dialogar com os conceitos de experiência de Walter Benjamin (1994) e o de resistência, presente em Giroux (1986).

TRAJETÓRIAS E INQUIETAÇÕES QUE PROVOCAM DESLOCAMENTOS

Os cursos que visam à formação inicial de educadores nas Universidades Federais não viabilizam em seus currículos uma formação mais ampliada, no que diz respeito às questões inerentes à Educação de Jovens e Adultos, sejam elas de ordem metodológica ou de ordem político-social e econômicas, que perpassam pela educação. A EJA, com sua trajetória histórica de exclusão das políticas públicas, experimenta, também nos cursos de licenciatura, um silenciamento em relação às suas especificidades no contexto da educação brasileira.

Na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), a temática da EJA não é abordada em grande parte dos currículos das licenciaturas. O currículo do curso de pedagogia, aprovado em 1995, embora previsse uma habilitação em EJA, manteve essa oferta precariamente durante um curto período, alegando a falta de recursos humanos para a sua continuidade. Com a modificação no currículo do curso, em 2007, apenas

uma disciplina, *Movimentos Sociais e Educação de Jovens e Adultos*, com carga horária de 60 horas, propõe-se discutir a temática. Oliveira (2005) faz uma contundente análise sobre as invisibilidades da EJA na universidade, ressaltando que ela só se constitui a partir de um não-lugar, por meio de táticas mobilizadoras de resistência:

Inspirada em Michel de Certeau utilizo aqui a expressão táticas mobilizadoras de resistência no sentido de que a trajetória do “não-lugar” da EJA dentro da universidade, a meu ver, guarda semelhança com a análise desse autor. Para ele, o não-lugar permite à tática, como arte do fraco, mobilidade. Requer o uso da vigilância para ocupar os espaços produzidos pelas falhas no campo que lhe é imposto. “[...] Cria surpresas, consegue estar onde ninguém espera” (CERTEAU, 1994 apud OLIVEIRA, 2005, p. 24).

Diante dessa lacuna, uma das possibilidades de se ter uma formação mais consistente como educador da EJA é inserir-se em espaços que possibilitem ampliar a discussão no âmbito dessa modalidade. Nesse sentido, nosso encontro com a EJA, para além de nossas experiências pessoais, deu-se por meio da nossa inserção no Núcleo de Educação de Jovens e Adultos (NEJA), do Centro de Educação (CE), da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), onde encontramos outros espaços que se constituíram como itinerários de formação, dentre eles o FEJA/ES.

A nossa aproximação e opção por trilhar na caminhada da EJA vem da luta contra a exclusão dos jovens e adultos, analfabetos e não escolarizados, das políticas educacionais. O silenciamento a que foi submetida a EJA nos impulsionou à participação nos espaços de diálogo, como o FEJA/ES, no qual tivemos oportunidade de compartilhar e construir nosso percurso formativo. Encontramo-nos na defesa do direito à educação, na perspectiva do reconhecimento da dívida social, com oferta específica, respeitando as peculiaridades dos sujeitos da EJA, tal qual preceituam a Constituição Federal de 1988, a Lei nº 9394/96 e os documentos legais ulteriores que tratam da modalidade¹.

Assumimos como princípio, nesse percurso, a necessidade de pensar a EJA numa perspectiva de ação transformadora, que implica considerar as pequenas conquistas e os avanços na legislação não como “outorga do Estado, mas como representativos de forças sociais, organizadas para a garantia de direitos” (PAIVA, 1999, p. 89).

¹ Parecer CNE/CEB 11/2000 e Resolução 01/2000 que estabelecem as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos; Parecer CNE/CEB 06/2010 e Resolução CNE/CEB 03/2010 que instituem Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos.

O FÓRUM DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DO ESPÍRITO SANTO: ESPAÇO DE FORMAÇÃO NA/PELA AÇÃO DE LUTAS COLETIVAS E PROCESSOS DE RESISTÊNCIA

Os Fóruns de Educação de Jovens e Adultos se constituem em espaços de contraponto às políticas públicas dos últimos anos. Apontam perspectivas de resistência e tornam-se capazes de interferir, em muitos casos, nas políticas locais, surgindo num contexto de mobilização, desencadeada por iniciativas de ordem mundial, nacional, regional e local.

A partir da Conferência Mundial de Educação para Todos, em Jomtien, na Tailândia, em 1990, o Brasil assumiu compromisso com a universalização da educação básica. Como resultado, tivemos o Plano Decenal de Educação, em 1993, submetido à discussão pela sociedade brasileira e enriquecido pelas consultas à comunidade educacional. Em 1994, criou-se a Comissão Nacional de Educação de Jovens e Adultos que passou a ser a principal articuladora das discussões e fiscalizadora dos compromissos de agenda assumidos pelo Brasil com a comunidade internacional.

Em 1997, o Brasil sediou a Conferência Regional, preparatória para a V Conferência Internacional de Educação de Adultos (V CONFINTEA), realizada em Brasília e em julho de 1997, participou da V CONFINTEA que ocorreu em Hamburgo, na Alemanha (PAIVA; MACHADO; IRELAND, 2007). Esse movimento, promovido pelo Ministério da Educação (MEC), caracterizou-se por uma ampla mobilização nacional que envolveu todos os segmentos ligados à EJA, com o objetivo de apresentar, por meio de documentos produzidos, subsídios para a construção de uma política nacional de EJA.

Articulado com o movimento nacional, o Fórum do Rio de Janeiro foi o primeiro a se constituir e apoiou outros fóruns da região como Minas Gerais, Espírito Santo e São Paulo. Atualmente, os Fóruns de EJA estão organizados em todos os estados brasileiros e no Distrito Federal e se identificam pela busca constante da garantia do direito à Educação de Jovens e Adultos, em espaços de interlocução com entidades públicas, privadas, governamentais e não governamentais (PAIVA, 2006). Inicialmente, caracterizaram-se pela diversidade de formas de organização e funcionamento, em que as especificidades locais delinearão seus objetivos, suas metas, sua capacidade de mobilização, de intervenção e interlocução.

A iniciativa dos fóruns, ao tensionar e pautar o poder público na garantia de sua participação em espaço formal de diálogo, demonstra que, ao exercitarem o princípio *democrático*, buscavam não só ampliar a participação do movimento na arena política, como também a representação na democracia formal, passando a integrar o conjunto de representantes da sociedade que praticam o direito de participação política e a co-gestão das políticas públicas, nos espaços formais. (DANTAS, 2010, p. 81).

O FEJA/ES, embora articulado com o movimento nacional, surgiu como um projeto de extensão, na Universidade Federal do Espírito Santo. No seu percurso, reuniu vários segmentos: Delegacia do Ministério da Educação, Secretaria Estadual de Educação, Secretarias Municipais de Educação, Universidade, Organizações não governamentais, empresas, estudantes, profissionais de EJA, Centros de Estudos de Educação de Jovens e Adultos, União Nacional de Dirigentes Municipais de Educação (UNDIME), IFES - Campus de Vitória, Ação Comunitária do Espírito Santo, Associação dos Educadores Cristãos, Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Espírito Santo, dentre outros.

Na sua origem, em dezembro de 1998, o FEJA/ES se constituiu como espaço de discussão das políticas nos contextos local e nacional. Entretanto, ao longo do tempo, foi se conformando mais como um espaço de formação, intercâmbio de experiências, discussão política e encaminhamentos de ações efetivas, na defesa e na valorização da EJA junto às instâncias públicas, sendo reconhecido como espaço de elaboração, consolidação e avanço das políticas públicas de direito à educação de jovens e adultos (PAIVA, 2006).

Fortalecidos pelo crescimento do movimento do Fórum, educadores, educandos, gestores, sindicatos e movimentos sociais conformaram-se num importante grupo de discussão e acompanhamento das proposições políticas para a EJA, na intenção de demandar do poder público uma maior participação na interlocução para fomento de novas ações políticas para o segmento.

Esses novos sujeitos coletivos passaram a pautar, modificar e interferir nas agendas políticas, promovendo embates que têm, no diálogo, forte identificação. Esta afirmação é verificada pelos constantes chamados que os fóruns têm recebido pelo poder público para tratar da condução e execução das políticas de EJA, ou seja, pelo reconhecimento dos Fóruns como interlocutores legítimos das instâncias ministeriais, no atual momento histórico. E, sobretudo, pelas conquistas e avanços que podem ser verificadas em fatos que envolveram os rumos das políticas de EJA, principalmente em âmbito nacional. (DANTAS, 2009, p. 6).

Nesse contexto, o Fórum se constitui como um espaço marcado pela reflexão das políticas de EJA e pela interação entre os diferentes segmentos que o compõem. Essa pluralidade de sujeitos, com trajetórias diferentes, une-se em um só objetivo: acompanhar, discutir e interferir nas políticas pensadas para a EJA. Nesse movimento, nos implicamos na ação que busca romper com o isolamento e a impotência na qual estávamos submetidos, conquistando a autonomia e a identidade, reaprendendo a aprender, a determinar nosso perfil, percurso e destino (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 1980). Partindo dessa ideia, entendemos que o FEJA/ES caracteriza-se como um movimento social em que os sujeitos se educam pela ação transformadora da realidade na qual estão envolvidos.

Os movimentos sociais, enquanto contexto onde o povo se educa na e pela ação transformadora da realidade, afirma a possibilidade de uma outra educação. Uma outra educação que só se tornará viável em larga escala quando a experiência cotidiana de cada comunidade ou de cada grupo social – em seu trabalho, seu lazer, sua relação com o meio ambiente e com os outros – se transformar em fonte de desafio, de questionamento, de criatividade, de participação e, portanto de conhecimento. Uma outra educação que não seja mais o monopólio da instituição escolar e de seus professores, mas sim uma atividade permanente, assumida por todos os membros de cada comunidade e ligada a todas as dimensões da vida cotidiana de seus membros. (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 1980, p. 126).

Afirmamos o FEJA/ES como movimento social comungando com a perspectiva apresentada por Gohn (2011, p. 335) de que esse espaço se caracteriza por “ações sociais coletivas de caráter sociopolítico e cultural que viabilizam formas distintas de a população se organizar e expressar suas demandas”, com o papel de analisar a realidade social, fomentar novas propostas e de construir “novas ações coletivas que agem como resistência à exclusão e lutam pela inclusão social”, produzindo nos sujeitos envolvidos “o sentimento de pertencimento social” (GOHN, 2011, p. 336) e trazendo para o debate coletivo demandas excluídas ou tratadas na marginalidade, como é o caso da EJA.

Esse debate ganha vida na dinamicidade do nosso percurso no FEJA/ES, principalmente quando nos empoderamos dos saberes teóricos e práticos, construídos na/pela experiência, e envidamos esforços para dialogar com os propositores e executores das políticas educacionais. Por meio desse diálogo, mediado pela defesa do direito à Educação de Jovens e Adultos, divergimos, tensionamos, construímos estratégias e buscamos interferir e provocar (des) caminhos na constituição e implementação nas políticas de EJA.

Para a constituição do direito, a proposta dos fóruns estende-se da interlocução com agentes e dirigentes estatais, formuladores e executores de políticas, programas e projetos à intervenção direta nas políticas públicas, educação de jovens e adultos de âmbito local, regional ou nacional. O exercício da democracia segue como desafio para a convivência e o diálogo entre atores tão diversos, com missões e objetivos às vezes até mesmo conflitantes, que demandam a escuta, a possibilidade de divergir, de tensionar idéias, negociar e construir saídas e alternativas pactuadas por todos. (PAIVA, 2006, p. 531).

Para fundamentar a nossa ação de resistência no movimento do FEJA/ES, dialogamos com Giroux (1986) que assume essa categoria enquanto negação de processos de dominação ideológica da estrutura dominante e busca, numa ação dialética, modificar a realidade social, considerando que nada é estático, mas que está em constante transformação por meio da ação das lutas coletivas.

Nessa lógica, educadores, educandos e pesquisadores se constituem enquanto “homens e mulheres que podem produzir e experienciar, subjetivamente as formas sociais e culturais que lhes permitirão criar um discurso e um conjunto de relações sociais nos quais a base para formas de comunidade possam emergir” (GIROUX, 1986, p. 11-12). Partimos da premissa do autor de que a resistência nos impulsiona à mudança,

No sentido mais geral, acho que a resistência tem que ser situada em uma perspectiva ou racionalidade que leve em conta a noção de emancipação como seu interesse norteador. [...] Assim, seria central à análise de qualquer ato de resistência uma preocupação com descobrir o grau em que ela fala de uma forma de recusa que enfatiza, seja implícita, seja explicitamente, a necessidade de se lutar contra o nexus social de dominação e submissão. Em outras palavras, a resistência deve ter função reveladora, que contenha uma crítica da dominação e forneça oportunidades teóricas para a auto reflexão e para a luta de interesse da auto-emancipação e da emancipação social. (GIROUX, 1986, p. 147-148).

Entendemos que nosso percurso e os sentidos que a experiência de formação no FEJA/ES produziram em nós aproximaram-nos desse conceito de resistência, trazido por Giroux (1986), na perspectiva em que identificamos esse espaço como dinâmico, instigador de mudanças e comprometido com as políticas educacionais. Imbuídos nesse processo de resistência e mediados pela reflexão e autorreflexão, travamos lutas que buscam romper com a determinação política, econômica, social e cultural, produzida pela sociedade opressora. Assim, abrimos caminhos para novas possibilidades construídas coletivamente.

FÓRUM DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DO ESPÍRITO SANTO: AS MARCAS DA EXPERIÊNCIA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO

Quando lançamos o nosso olhar sobre o itinerário de formação que vivenciamos, ousamos dizer que a nossa inserção em diferentes espaços, dentre eles o FEJA/ES, possibilitou-nos experimentar um processo de formação mais amplo em contraposição a um modelo normativo de ideias prescritas que, muitas vezes, inviabilizam qualquer possibilidade de experimentar outros trajetos de formação, que não aqueles previstos no programa.

Oliveira (2005) problematiza o caráter teleológico assumido pela tradição científico-pedagógica nas práticas de formação. Em sua pesquisa junto a um movimento social, discute as possibilidades de

[...] se pensar uma poética da formação. Pela observância de aspectos que passam despercebidos, tidos talvez como insignificantes, marcados pela fragilidade, ou mesmo, não dantes considerados, no cotidiano das práticas, pelas políticas de formação e pela tradição pedagógica. (OLIVEIRA, 2005, p. 66).

Não se trata, aqui, de menosprezar mas de compreender que outros processos, em outros tempos e espaços, podem contribuir para uma formação mais ampla. Walter Benjamin (1994, p. 115) analisa que na modernidade vivemos atropelados pelo excesso de informações e por sua fugacidade, “[...] é como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia inalienável: a faculdade de intercambiar experiências”. Isso inviabiliza o que ele chama de experiência, que é isto que se acumula, se prolonga sem pressa, se desdobra e integra o sujeito num coletivo que, ao estabelecer trocas, permite ir consolidando saberes que o desloca da condição do já conhecido, aprimorando sua experiência no mundo.

Para nós, o FEJA/ES constituiu-se, em muitos momentos, como lugar fecundo da experiência, no sentido benjaminiano; lugar de formação, à medida que possibilitava um espaço de reflexão e narração sobre diferentes elementos da nossa condição de aprendentes, de professores da EJA e de militantes. Ao narrar, nesse espaço, as nossas faltas e potencialidades, criávamos condições e espaços de aprendizagem que nos permitiam sedimentar saberes/fazeres que foram criando em nós marcas identitárias que nos constituem como sujeitos da EJA. Nesse contexto, o conhecimento é obtido a partir

de uma experiência coletiva que alarga a nossa identidade, nossa sensibilidade e nossa condição humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O movimento do FEJA/ES tem se apresentado como um espaço profícuo de formação e de resistência às políticas que não dialogam com o direito de jovens e adultos à educação. A participação dos diversos atores sociais e os embates travados por esses sujeitos têm nos mostrado que somente a partir das ações coletivas é possível empreender mudanças nos rumos das políticas de EJA, revertendo o quadro cada vez mais acirrado de exclusão e desigualdade social, retratado pelos números cada vez mais crescentes de analfabetismo absoluto no Brasil.

Enquanto sujeitos intrincados nesse processo e reconhecendo o Fórum de EJA como um movimento social, que concebe a educação na perspectiva da ação transformadora, fazemos deslocamentos que nos possibilitam resistir, construir, reconstruir, criar caminhos e “modos de fazer” que reinventam e que constituem novas formas de resistência.

Ao narramos os itinerários de formação que percorremos dentro do FEJA/ES, colocamo-nos como sujeitos que foram conquistados pela EJA, que foram se construindo profissionais da educação mediante a ação e a reflexão proporcionadas pelas lutas travadas na dinâmica do FEJA/ES.

A experiência, como um elemento presente nos processos de formação, vivenciada no coletivo do Fórum de EJA nos refaz e dá sentido, permanentemente à nossa ação-reflexão-ação. Essa experiência é aqui entendida no sentido descrito por Larrosa (2002), como sendo o que nos passa, que nos acontece e o que nos toca e que, portanto, passa a nos constituir como sujeitos militantes e atuantes na EJA.

A experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova. O radical é periri, que se encontra também em periculum, perigo. A raiz indo-européia é per, com a qual se relaciona antes de tudo a idéia de travessia, e secundariamente a idéia de prova. (LARROSA, 2002, p. 25)

Enquanto sujeitos dessa experiência nos expomos, fazendo percursos indeterminados e até perigosos, “pondo-se nele a prova e buscando nele sua

oportunidade, sua ocasião” (LARROSA, 2002, p. 25). É nessa perspectiva que somos tomadas pela “paixão” que nos conduz à luta diária pelo reconhecimento da EJA como uma política de direito.

Insistimos na importância de fortalecer o movimento dos Fóruns de EJA como espaço que se constitui ocupando as “brechas” e criando canais de participação política na sociedade civil para definição de novos rumos para a Educação de Jovens e Adultos. Certamente, alentamos a esperança e o sonho possível de uma sociedade em que a educação, numa perspectiva transformadora, de fato se fundamente na ação livre e consciente dos homens e mulheres organizados. É nessa perspectiva que lutamos e, enquanto lutamos, nos formamos e transformamos.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas, v. 1).

DANTAS, Aline Cristina L. **Fóruns de EJA: mobilização na luta pelo direito à educação de jovens e adultos**. Anais do 17º Congresso de Leitura do Brasil. 20 a 24 de julho de 2009. Campinas, SP. Disponível em: <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_antteriores/anais17/txtcompletos/sem02/COLE_1739.pdf>. Acesso em: 21 mai. 2014.

_____. **Fóruns de Educação de Jovens e Adultos: movimentos em defesa de direitos e políticas públicas para a educação de jovens e adultos**. 119 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação. Niterói, RJ, 2010.

GIROUX, Henry. **Teoria Crítica e Resistência em Educação: para além das teorias de reprodução**. Trad. Angela Maria B. Biaggio. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

GOHN, Maria da Gloria. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, v. 16, n. 47, maio/ago. 2011. p. 333-513.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, jan./abr. 2002. p. 20-28.

OLIVEIRA, Edna Castro de. **Os processos de formação na educação de jovens e adultos: a “panha” dos girassóis da experiência no PRONERA MST/ES**. 2005. 174 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação. Niterói, RJ, 2005.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de.; OLIVEIRA, Miguel Darcy. **A reinvenção da educação**: os movimentos sociais como contexto educativo. In: FREIRE, Paulo et al. Vivendo e aprendendo: experiências do IDAC em educação popular. Brasiliense: São Paulo, 1980.

PAIVA, Jane; MACHADO, Maria M.; IRELAND, Timothy (orgs) **Educação de Jovens e Adultos**: uma memória contemporânea, (1996-2004). Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2007.

PAIVA, Jane. Tramando concepções e sentidos para redizer o direito à educação de jovens e adultos. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 33, p. 516-566, set./dez., 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 21 mai. 2014.

_____. Desafios à LDB: Educação de Jovens e Adultos para um novo século. In: ALVES, Nilda (org.). **Múltiplas leituras da nova LDB**. Rio de Janeiro: Dunya, 1999.

Recebido em: 09/05/2016.

Aprovado em: 01/07/2016.